REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 777

30 DE JULHO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois de muitos dias de cruel soffrimento, falleceu na sua casa em S. Domingos de Bemfica o conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas, antigo ministro de estado, director de importantes companhias e advogado muito distincto

Espirito lucidissimo, argumentador sem rival, caracter affavel e bondoso, o illustre fallecido era dos melhores talentos que teem fulgurado na politica portugueza e ao mesmo tempo, um dos que melhor souberam rodear-se de amigos dedicados. Faltou-lhe apenas a energia phisica, tão necessaria nos que teem de occupar logares eminentes, para conquistar o mando a que lhe davam direito as incontestaveis faculdades do seu espirito. Pouco tempo teve de vida a *Esquerda Dynastica* e, desde que Barjona de Freitas voltou de Inglaterra, onde foi como ministro negociar o tratado de 1890, póde dizer-se que terminou sua carreira na politica portugueza.

O seu nome andou entretanto ligado a importantissimas reformas do codigo, que assignou, quando ministro da justiça.

Seu voto nos conselhos da corôa foi sempre respeitosamente acatado.

E' uma perda muito grande.

De mais duas mortes temos que dar noticia, ambas muito sentidas tambem, a de Rafael de Andrade, valente official da marinha, antigo governador de Timor, da India e de Moçambique e a do Conde de Carvalhido, a quem tanto devem as bellas artes em Portugal.

Rafael de Andrade falleceu repentinamente em Cintra, onde descançava, rodeado por sua familia, d'uma vida de trabalhos. O Conde de Carvalhido falleceu em Paris, d'onde só costumamos agora receber noticias alegres.

E' o segundo portuguez illustre cuja morte o telegrapho nos' annuncia entre noticias de festas, de concertos, de jantares, de distribuições de premios.

E a morte ainda nos parece mais temivel e cruel traçando indifferente as suas cruzes negras nas paginas scintillantes, onde se nos descrevem tão brilhantes manifestações da vida.

A exposição o que é senão o argumento mais eloquente de quanto no mundo inteiro os homens vão trabalhando na lucta da vida, vencendo constantemente e a cada victoria criando novas necessidades? O tonel da fabula tem successores: os homens trabalham como as Danaides antigas. Mas o alvo, que se chama felicidade, parece cada vez fugir para mais longe.

A exposição tem tido ultimamente um inimigo poderoso no calor, que nos paizes do norte parece querer abrazar a terra. Teem sido muito frequentes os casos de insolação. O thermometro em Londres tem subido mais do que é vulgar nas nossas charnecas do Alemtejo.

Só os pretos de S. Thomé é que se devem achar agora em Paris como os peixes n'agua.

E talvez até elles se queixem.

Deve ser esse calor, que anniquila as faculdades e sobretudo a energia, que impede as potencias européas de tomar a peito o castigo que os chinezes estão de ha muito exigindo.

Verdade é que as noticias que chegam á Europa são o mais contradictorias que é possivel.

Depois das descripções dos morticinios commettidos pelos boxers em Pekim, noticias chegaram que dão como salvos muitos europeus e ate alguns dos ministros, cujos necrologios foram publicados.

Em 26 telegraphavam de Londres: «O *Standart* recebeu noticias de Tien-Tsin dizendo que os russos entraram em Pekim, encontrando os ministros estrangeiros ainda vivos.»

A sorte d'esses desgraçados é o que mais interessa, e se vivos estão ainda, não andam talvez mal as potencias continuando no caminho até hoje aconselhado pela prudencia.

Se da China nos chegam noticias assim contradictorias, as que nos veem do Transvaal pouco adeantam os calculos de probabilidades sobre quaes serão os futuros, definitivos vencedores.

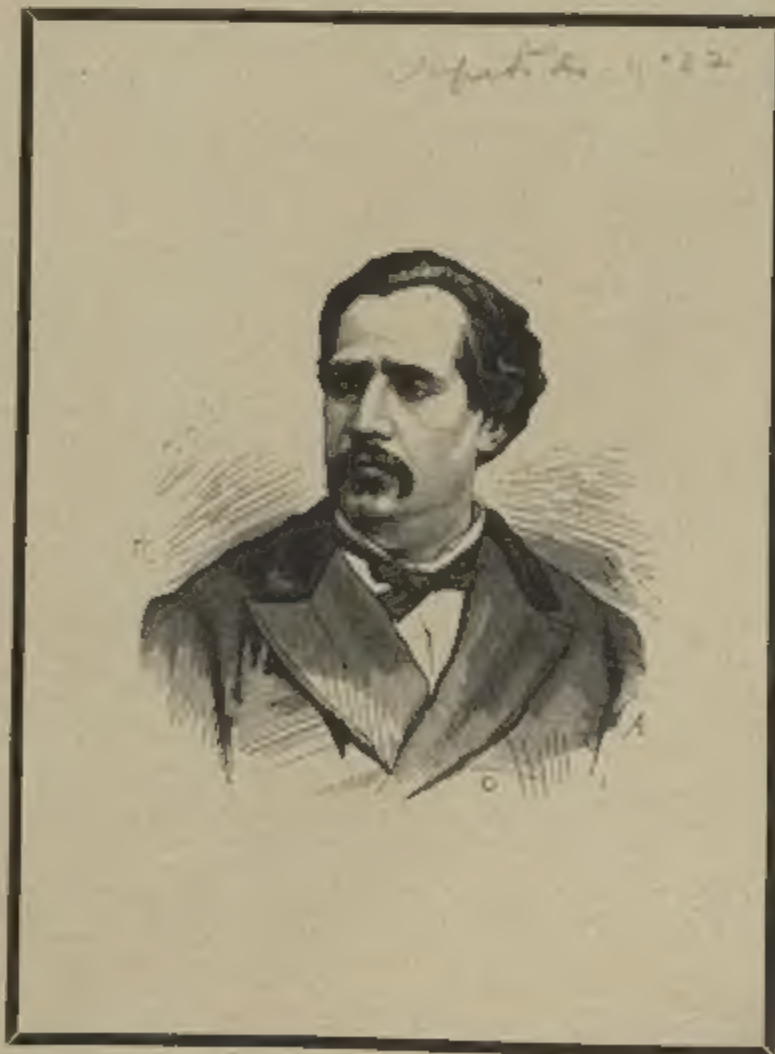
A opinião publica, manifesta nos jornaes inglezes, mostra-se profundamente desgostosa pela marcha dos acontecimentos. Pequeninas victorias, sem resultados praticos e precisos, teem custado alguns milhares de vidas e muitos milhões de libras.

Diz se que o generalissimo Roberts, muito doente, regressará brevemente a Inglaterra.

Não admira que sejam estes os assumptos mais discutidos e que até a propria Paris esqueça por vezes a sua maravilhosa exposição para se entreter na resolução de problemas que a todos se impõem como de interesse capital.

Paira no ar uma nuvem ameaçadora, desafinando os nervos dos mais impassiveis.

Que contraste aquelle! Pôr os olhos da imaginação no palacio da optica ou no da electricidade, descançal-os por instantes na paz da aldeia suissa e de repente relanceal-os para Pekim, para os boxers, para as cabeças pallidas separadas dos troncos, para os incendios das egrejas e das legações! Que triste fim d'um seculo brilhantissimo!

Lisboa desfallecida de calor é o que faz, é relancear olhos preguiçosos, ora para o norte, ora

CONSELHEIRO AUGUSTO CESAR BARJONA DE FREITAS

FALLECIDO EM 23 DO CORRENTE

para o oriente, n'esses bocadinhos em que não dorme a sesta, não se espreguiça ou não abre a bocca.

Paira sobre ella a semsaboria!

O Colyseu fechou as portas, depois de cem recitas muito concorridas e de ter dado por preços baratissimos ao povo algumas operas dos melhores auctores, excellentemente cantadas.

Estão em campo, solitarios, o theatro D. Amelia com o *Jacaré* e o da Rua dos Condes com o *Dente de Maçarico*, que parece ter provado do elixir de longa vida.

No assumpto theatros o que mais tem chamado a attenção não são, entretanto, comedias nem dramas representados, applaudidos ou pateados pelo publico. O theatro de D. Maria, depois que fechou suas portas, mais tem dado que falar. Pediram a demissão de societarias as actrizes Lucinda do Carmo e Delfina e, segundo se diz, seguir-lhes-ha o exemplo a actriz Laura Cruz.

Nenhuma d'ellas é facilmente substituivel.

Nada temos com as razões que levaram essas actrizes a abandonar assim os seus collegas collocando-os em situação critica, quer relativamente ao antigo repertorio, quer pelas difficuldades em que vão ver-se para a escolha de peças, cujo bom desempenho seja compativel com a menor riqueza de elementos de que ficam dispondo.

Quando do apparecimento do decreto de 1898, apontámos aqui como nocivas para a arte muitas das suas disposições. A applicação d'alguns dos seus artigos foi completamente injusta. Começa a ver-se o mau resultado.

E haveria sido tão facil termos um theatro de primeira ordem, e abafadas pequeninas vaidades, convencer uns elementos discordantes do que era o bem commum!

Parece-nos tarde agora para conseguir esse fim, e tarde se levantará o theatro portuguez.

O inverno ha de trazer-nos maiores surprezas. Que sejam agradaveis é o que sinceramente desejamos.

Mas pelos calores que vão cahindo, até suffoca falarmos em espectaculos á luz do gaz, n'uma sala fechada onde tudo está suando em bica.

A fresca Cintra é para onde desejariamos voar agora. Attrahem-nos Sitiaes com os seus ulmeiros velhos, a Regaleira com o seu formidavel castanheiro da India, a Sabuga com a sua agua fresquissima, Penha Verde com seus cedros historicos.

Esplendido o baile da Pena, n'esse castello encantado, um dos mais bellos e decantados do mundo inteiro, como nem fadas o poderiam sonhar, digna mansão da mais bella das rainhas.

Cintra, onde, por este tempo, concorre a sociedade elegante de Lisboa, será provavelmente este anno frequentada até mais tarde, visto á maior parte das praias faltar o principal attractivo que as enchia de forasteiros.

Decididamente acabaram as roletas e as batotas.

Requiescant in pace.

Amen.

E peço aos srs. compositores o favor de pôrem este *amen* em muito bom normando.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Não é possivel sahir-se á rua. O calor de Paris é horrivel. São duas horas da tarde e, até que o sol tenha descido de todo, aproveitarei o tempo no meu pequenino quarto de hotel, para pôr em ordem a minha correspondencia muito atrazada.

O mal presente é sempre o maior; mas confesso que nem o verão no Brazil me pareceu tão horroroso de atravessar como estes fins de julho n'uma cidade do norte da Europa.

Teem sido frequentissimos os casos de insolação. Para nos consolarmos só temos os telegrammas de Londres que nos annunciam quarenta e quatro gráos á sombra e cincoenta e seis ao sol! O rei dos astros vinga-se assim dos muitos dias, ás vezes mezes, em que lhe não permittem banhar a terra com um só de seus raios obliquos, muito frios. Calcula-se que o calor continuará molestando-nos durante bastantes dias ainda.

Chego ás vezes a ter saudades da nossa Avenida á noite e das brisas do Tejo de que me vejo tão longe.

Como era de prever, o calor tem prejudicado muitissimo a exposição, sobretudo durante as horas do dia.

Entretanto milhares de estrangeiros todos os dias se apeiam n'essas estações e enchem todos os hoteis.

O que será em setembro!

Entre os mais illustres ultimamente chegados citaremos a Rainha Sr.ª D. Maria Pia e o Sr. Infante D. Affonso, que chegaram a Paris ás nove horas da noite do dia 20, acompanhados pela Sr.ª Marqueza de Bellas, Duque de Loulé e D. José de Mello.

Muitos portuguezes foram esperar os illustres viajantes, que se acham hospedados no Hotel Liverpool.

Os delegados dos differentes paizes continuam trabalhando com dedicação.

Portugal tem obtido um grande numero de recompensas muito honrosas, que provam como aquelles, que se encarregaram de provar ao mundo inteiro nosso estado de adeantamento em tão diversos ramos de artes e industrias, souberam desempenhar sua missão.

A imprensa franceza continua a ser amabilissima comnosco e, ainda ha poucos dias, fazia rasgados elogios aos srs. D. Luiz de Castro e Cincinato da Costa.

Os pretinhos de S. Thomé lá estão no seu coreto chamando a attenção do publico. Tocam realmente muito melhor do que era de esperar de pretos e são alvo de constantes ovações. Estrearam-se com a *Marselheza*. Os francezes agradeceram logo a delicadeza applaudindo-os freneticamente. Quasi todos elles são rapazes novos ainda, que se apresentam muito bem vestidos e com um lindo ar civilisado. Se não haviam fazer figura n'uma terra em que tudo anda ancioso por novidades!

Fala-se já muito no congresso internacional da imprensa, cuja inauguração deve realisar-se, sob a presidencia de Mr. Loubet, no proximo dia 30, no amphitheatro da Sorbonne.

Grandes festas, passeios, soirées, matinées, o programma do costume, mas d'esta vez em Paris e durante a exposição!... Imagine-se o que será,... se o calor não se oppuzer á fiel execução do que está determinado.

De quando em quando, as noticias da China veem pôr como que uma nuvem n'esta alegria que anda no ar que respiramos e que nos innunda como luz maravilhosa. Todos os jornaes publicam columnas de telegrammas e commentarios. O extremo oriente torna-se por esse motivo mais curioso ainda.

E foi por isso que, ha dias, rememorando paginas encantadoras dos Goncourt, nos detivemos algumas horas deante das aguarellas dos mais famosos pintores japonezes, que seguem as tradições da escola antiga. São verdadeiras maravilhas, que teem obtido o mais completo exito.

Estão em lucta duas velhas civilisações... O Japão está ao lado das potencias europêas, mas se um dia...

O calor está insupportavel. Não philosophemos.

Paris, 25 de julho de 1900. *M. C.*

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO BARJONA DE FREITAS

Na sua casa da estrada de Bemfica, depois de muitos dias de horroroso soffrimento, falleceu, pela hora e meia da tarde do dia 23, o conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas, antigo ministro de estado e um dos mais notaveis advogados de Portugal.

Apagou-se um lucidissimo espirito, dos mais brilhantes que hajam fulgurado na politica dos nossos tempos.

Toda a imprensa, quer da capital quer da provincia, consagra sentidos necrologios ao chorado morto, que, durante mais de quarenta annos de vida publica, nos differentes trabalhos a que se dedicou, deixou seu nome ligado a importantissimas questões por elle resolvidas.

Filho do Dr. Justino Antonio de Freitas, lente de direito, e sobrinho d'outro lente da Universidade, medico distinctissimo, Dr. Antonio Joaquim Barjona, foi desde Coimbra celebrado o talento de Augusto Cesar Barjona de Freitas, que ali terminou seu curso em 1855, tendo 21 annos de edade.

Doutorou-se em 1856, obtendo a mais alta classificação.

No concurso a que, logo depois, se submetteu, alguns lentes que não o desejavam para collega, quizeram reproval-o. O escandalo foi enorme. Vieira de Castro, subindo a um banco na propria Sala dos Capêlos, falou energicamente contra a injustiça commettida, motivo por que foi, por dois annos, riscado da universidade. O final foi, porém, como não podia deixar de ser, a entrada de Barjona para o professorado, de que foi o mais brilhante ornamento.

Entrando na politica activa, foi por varias vezes chamado aos conselhos da corôa, tomando conta da pasta da justiça e da do reino em 1885.

A' iniciativa d'elle se devem o Codigo do processo, as reformas dos Codigos civil e penal, a lei do registo civil e a da dotação do clero.

Quando em 1885 dirigiu os negocios do reino, foram a nossa visinha Hespanha e a França visitadas pela terrivel epidemia do colera. Barjona de Freitas revelou então grandes qualidades de trabalhador, procurando, o que soube conseguir, evitar a entrada na fronteira ao terrivel visitante que chegou a fazer victimas em D. Benito, terra da Extremadura hespanhola.

Mas a actividade não era com certeza a virtude mais brilhante do seu caracter. A Barjona faltava a energia phisica necessaria para a lucta, a que tem de entregar-se os que na politica occupam logares eminentes. Talento tinha elle de sobra, mas não era isso bastante para que pudesse dirigir um partido.

Quando Fontes morreu, Barjona de Freitas apresentou a sua candidatura para a chefia do partido regenerador e, em seguida, formou um grupo seu, que se intitulou da Esquerda Dynastica.

Depois do ultimatum inglez, em janeiro de 1890, Antonio de Serpa Pimentel, convidou Barjona de Freitas para ir a Inglaterra negociar o tratado. Pouco depois da partida do ministro plenipotenciario a Esquerda Dynastica dissolvia-se, apesar do grande numero de homens de verdadeiro talento, que formavam esse grupo politico.

Barjona de Freitas, voltando de Londres, nunca mais entrou activamente na politica.

Era presidente do tribunal de contas, director da companhia do gaz, dos tabacos, dos caminhos de ferro da Beira Alta e administrador da companhia real dos caminhos de ferro.

Em todos esses logares deixou provas de seu vastissimo talento.

Muito affavel, muito despretencioso, contando anecdotas com graça immensa, por todos era admirado e bemquisto de quantos o conheciam.

Foi orador notabilissimo, impassivel, fluente, argumentador sem rival.

O seu parecer foi sempre muito acatado nos conselhos da corôa.

Poucos trabalhos publicou. Temos nota dos seguintes:

Propostas de lei apresentadas á camara dos deputados em sessão de 27 de fevereiro de 1867.

A questão ingleza. Discurso na camara dos pares em 10 de junho de 1891.

Será necessaria a conservação de exercitos permanentes? E, n'este caso, convirá empregal-os nas obras publicas?

Dissertação inaugural. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1855.

Augusto Cesar Barjona de Freitas nascêra em Coimbra a 13 de janeiro de 1834. Tinha portanto sessenta e seis annos.

A sua doença foi dolorosa e prolongada; mas a morte poz-lhe termo sem agonia. Instantes antes de morrer, ainda Barjona conversava com o seu medico, o sr. Barral Filippe.

No funeral do estadista fez-se representar toda a familia real. A divisão prestou ao cadaver as devidas honras militares.

Barjona de Freitas deixa dois filhos, os srs. Augusto Barjona de Freitas, medico em Villa Nova de Ourem e o sr. Alfredo Barjona de Freitas, major de artilheria.

Enviamos-lhes os nossos pesames.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

A' exposição universal de Paris em 1900 parece faltar, não obstante as maravilhas ali reunidas, o costumado *clou*, isto é, uma obra pasmosa e que só ella se tornasse digna de attrahir á capital da França todo o mundo civilisado, ávido de admirar o prodigioso engenho humano.

Em verdade, bem se tratou de conseguir para o grande certamen uma obra de subido arrojo inventivo, e os projectos não faltaram, tão interessantes como originaes. Dos que se levaram a effeito uns não attingiram precisamente o que se imaginara, outros são inferiores á grandeza colossal do conjuncto da exposição. Assim, o grande telescopio para se ver a lua a *um metro* não pro-

duziu esse effeito, mostrando-a comtudo a uma distancia relativamente curta. O castello d'Agua, o Palacio da Electricidade, e o passeio rolante, muito embora sejam obras notaveis não se deve considerar qualquer d'ellas como o *clou* da exposição.

Mas confessemos que depois da Torre Eiffel é difficil fazer-se obra mais assombrosa, que a exceda ou sequer a eguale. Succede, pois, que para muitos dos visitantes da exposição, e que pela primeira vez vão a Paris, é ainda, passados onze annos, a Torre Eiffel o *clou* do grande certamen universal. O monumento ergue-se ousadamente: o olhar do forasteiro vê-o de qualquer sitio. O monstruoso edificio de ferro esbraseia-se nas noites de festa, ou illumina-se phantasticamente; de forma que é sempre admirado, quer de longe, quer subindo ás plataformas e vendo d'ellas o panorama da cidade.

E' realmente extraordinaria a impressão de quem d'essas alturas observa Paris, ou vê o formigar da multidão por entre as variadissimas installações da grande feira.

Na estampa póde o leitor attentar melhor toda a enormidade do colosso da engenharia d'este seculo, essa prodigiosa torre que se ergue 300 metros acima do solo, imaginar das impressões que se poderão experimentar em tal altura.

Na primeira plataforma, que está a 38 metros, o espectaculo é ainda vulgar, porem na segunda, a 115 metros, o panorama é extremamente curioso, porque todos os grandes edificios que povoam Paris parecem pequenas casinhas que se erguem sobre grandes manchas escuras, formadas pelos telhados das outras edificações ou pelas mattas dos bosques e grandes avenidas da cidade, confundindo-se na distancia com os campos que a circumdam. Na terceira plataforma, que está á altura de 207 metros, o panorama é ainda mais dilatado e confuso. O monte Valeriano deixa-se dominar pela torre e a vista extende-se para além d'elle, descobrindo a colina de Montmartre, que parece um grande promontorio alvinitente n'uma extensa costa maritima.

Sobre a quarta plataforma, que está a 273 metros levanta-se a cupola, e sobre esta o farol que não obstante ter 8 metros de altura, parece, visto do solo, um pequeno botão. Em volta d'este pharol ha uma varanda circular, unico ponto accessivel da torre, que ainda conta até á cuspide mais 20 metros prefazendo o total dos 300 metros tão celebrados.

Nas festas nocturnas da exposição continua-se decorando-se com vistosas illuminações a gigantesca torre e a ella sobem milhares de visitantes, que não se cançam de admirar o aspecto feerico do immenso recinto da exposição, tão constellado de luzes como o céo o é de estrellas em noites limpidas e serenas.

GUTTEMBERG

> «Do templo do trabalho é hostia, verbo [illegible], luz, [illegible], a *Imprensa*» [illegible]
>
> *Thomaz Ribeiro.*

Este anno corrente de 1900 é quinto centenario do nascimento de João Gensfleish de Guttemberg.

Mayence, linda cidade do gran-ducado de Hesse no imperio allemão, foi o berço natal do inventor da Imprensa, que ahi viu a luz em 1400 como vergontea illustre de uma familia nobre.

A sua estatua de bronze lá erguida em 1837, testemunha perante as gerações o culto dos habitantes á memoria do finado glorioso.

A imprensa é um verdadeiro sol do espirito.

«Os auctores que escreveram sobre esta materia, *Encyclopedia* de Diderot e D'Alembert, tomo 18, edição de Berne e de Lauzana, concordam em fixar a época da arte de imprimir, a partir do anno de 1440 e em honrar a cidade de Mayence por tel-a visto nascer no seu hambito. Harlem, que se gaba de semelhante gloria, conta partidarios entre os quaes figura Boxhorn. Emfim, a cidade de Strasburgo tambem tem os seus, destacando-se no numero d'elles Mentel e Scheiflin.

Todavia, julgando imparcialmente, não póde pôr-se em duvida que Guttemberg seja o verdadeiro auctor da *Imprensa*. Era natural de Mayence e descendia de uma familia patricia, que parece haver usado apelidos diferentes, o de Zumjungenaben e o de Gensfleisch. Existem contratos feitos em Strasburgo nos annos de 1441 e 1442, nos quaes é designado por *Joannes dictus Gens-fleisch, alias nuncupatus Guttemberg, de Moguntia.* Affirma-se que Guttemberg, estando em Strasburgo em 1439, fez acto publico com tres burguezes da mesma cidade para exploração de varias artes e de *segredos maravilhosos participando da natureza de prodigio.* São estes, diz Scheiflin, os termos do acto (escripto em allemão) sem comtudo especificar em que consistiam taes artes; entretanto, é permittido suppôr que a arte de imprimir fazia parte dos segredos qualificados de *maravilhosos.*

Effectivamente, a invenção da Imprensa foi considerada logo nos primordios como contendo alguma coisa de prodigio e até de sortilegio. Os contratantes, como parte interessada no assumpto, não terão julgado a proposito explicar-se mais claramente, na esperança de tirar proveito consideravel de uma arte para a qual ainda não havia termo consagrado.

Guttemberg estando em Mayence no anno de 1450, afim de congregar amigos que quizessem auxiliar com capitaes disponiveis os seus fundos esgotados, constituiu uma nova sociedade com Faust, de Mayence. Eis o motivo porque Pedro Schœffer, socio e genro de Faust marcou o anno de 1450 como sendo o da epoca originaria da Imprensa.

Em 1452, o citado Pedro Schœffer descobriu o segredo de fundir os caractéres e deu portanto o ultimo retoque á perfeição da Imprensa, visto que Guttemberg e Faust só tinham impresso até então por meio de letras esculptidas em relevo sobre madeira e sobre metal; carecia-se de caractéres moveis fundidos e foi isso justamente o que Schœffer executou.» Nos periodos que acabo de traduzir está registado com colorido especial o momento de iniciação da humanidade na conquista mais brilhante do engenho racional sobre os dominios da natureza.

Não ha no genio fulgores de inspiração nem ha na palavra jorros de eloquencia, com que possa definir-se o invento de Guttemberg e tecer-lhe o elogio condigno.

Nenhuma luz póde comparar-se áquella que irradia da Imprensa, excepto a luz do Evangelho. E, quando um dia, em futuro distante todos os povos commungarem á mesma mêsa na paschoa da paz, terá sido a Imprensa o instrumento authentico e quasi divino da conversão universal!

Só Deus é grande — disse Massilon diante do cadaver de Luiz XIV; mas permitte que surjam creaturas muito maiores do que semelhantes monarchas famosos, e que talhem a si proprias sem embargo de todas as difficuldades imprevistas o estadio incommensuravel da glorificação legitima.

João Gensfleish de Guttemberg encontrou embaraços no seu caminho e teve atrictos a vencer e luctas a sustentar, mas não desistiu do intento nem falseou a idéa; persistiu no empenho e legou á posteridade um nome que é uma reliquia indelevel para a gratidão do mundo e uma benemerencia immortal — a Imprensa — que é um farol ingentissimo no esplendor da civilisação!

Guttemberg não esteve associado com Faust ou Fust até ao fim da sua carreira; desde 1456 dirigiu por sua conta uma officina em que Faust nada tinha e ahi foram encontral-o os favores de Adolpho de Nassau, sendo nomeado seu gentilhomem cêrca do anno de 1465. Tres annos depois, isto é, em 1468, a morte veiu tocar com a sua aza negra aquelle que se chamou na vida João Gensfleish de Guttemberg e que occupa hoje nas galerias da Historia o logar magestatico da preeminencia indiscutivel. Vou transcrever pelas achar interessantes as linhas seguintes de Cesar Cantu na *Historia Universal*: «O preço dos livros diminuiu, porém não de repente. Conforme Lambinet, a Biblia de Mayence, de 1462 foi comprada em 1470, por quarenta escudos de oiro pelo bispo de Angers; em 1481, um inglez pagou por um Missal dezoito florins de ouro. Os livros baixaram depois a um preço modico. A universidade de Paris estabeleceu uma tarifa para cada edição: esta pauta não chegou até nós; porém os catalogos de Colines e de Roberto Estienne, posto que mais modernos, podem dar-nos d'ella uma idéa. O Testamento, do primeiro, em grego custava doze soldos, e seis soldos em latim. A Biblia latina in-folio, d'Estienne, de 1532, valia cem soldos; as Pandectas, quarenta; Virgilio, dois soldos e seis dinheiros; uma grammatica grega, dois soldos; Demosthenes e Eschino cinco soldos.

D'este modo, a transcripção e a propagação do pensamento, que fazia parte da litteratura, tornou-se uma arte. No principio, os typographos gozaram de muita consideração; Xisto IV conferiu a Jenson o titulo de conde palatino; o rei Eduardo quiz cultivar a amisade de Caxton; Cristovão Plantin foi nomeado por Filippe II architypographo real; e Francisco I esperou mais de uma vez no gabinete de Roberto Estienne, que elle acabasse de emendar provas. Luiz XII não se cançava de elogiar a imprensa: «*Esta invenção que parece ser mais divina do que humana; a qual, graças a Deus, foi inventada e achada no nosso tempo pelo meio e industria dos ditos livreiros, pela qual a nossa santa fé catholica foi grandemente augmentada e corroborada, a justiça melhor entendida e administrada, e o serviço divino mais honestamente e curiosamente feito, dito, e celebrado*».

Estas ultimas palavras, attribuidas a Luiz XII de quem Anquetil diz que «gostava de lêr» e «que não era por ostentação que juntava tantos livros», fazem vêr, com clareza, a alta idéa que já então se fazia da Imprensa.

Accelerando a diffusão amplissima dos conhecimentos humanos, dispensando a acção dos copistas no meio social, engrandecendo as nações e nobilitando os individuos, merece de direito o nome de sol, da natureza do qual participa porque é evidentemente um foco luminoso e scintillante.

Cumpre celebrar o centenario do grande operario de uma tal maravilha.

E não é, certamente, nas praças publicas que deve ser levado a effeito a festa de homenagem á memoria do nascimento de Guttemberg.

O logar apropriado a essa commemoração é o recinto das academias, a sala de honra das bibliotecas, toda e qualquer casa destinada a aula dos que aprendem e o ponto de reunião dos que ensinam.

D'este modo ninguem poderá confundir o papel exercido na scena do progresso pelo homem de Mayence, com o officio de destruição e de embuste a que outros homens se votaram não obstante haverem tambem sido uteis em certo sentido ás sciencias, ás industrias ou ás artes.

Porque Guttemberg foi singular e unico, por isso mesmo importa manter-lhe a categoria elevada por maneira singular e unica, tanto sob o aspecto puramente mundanal do seu invento como em relação ao valor psychico da sua apotheose.

A Allemanha é o paiz que tem sabido honrar melhor a memoria de João Gensfleish de Guttemberg, não só pelo facto de avival-a annualmente mas por se preoccupar constantemente com os modos praticos de tirar da imprensa o proveito maximo.

E este exemplo que convém seguir, não esquecendo que se é licito e nobre o enthusiasmo da mãe-patria no centenario d'um filho legitimo, quando semelhante filho apresenta a estatura moral e sublimada que o alcandóra do Infinito como succede a Guttemberg, todas as nações cultas devem apressar-se em pertilhal-o egualmente porque nem uma só avançará na estrada do progresso sem o auxilio portentoso da Imprensa, cuja paternidade constitue titulo soberano e aro diamantino em volta d'aquelle nome.

D. Francisco de Noronha.

S. JOÃO! S. JOÃO!

É tão fresco, ha tanta luz, tanta brisa, tanto azul, n'este dia, n'estas palavras, n'esta festa...

S. João! S. João!...

E ao ouvil-as, ao pronuncial-as, vejo o bojo azul do ceu, rebentando de sol radioso... Vejo os montes, alegres de luz, como seios verdes, offerecendo-se... Vejo a côma já loura dos trigaes adolescentes, ondulando nas boas terras que dão o pão... Vejo a toalha distendida do mar faiscante, como uma tela de seda polvilhada de brilhantes... Vejo um ou outro moinho retardatario, de velas activas, como quem tem pressa de acabar, dobando sobre as collinas... Vejo as arvores remoçadas, e na atmosphera dos seus perfumes, sinto nos troncos o trabalho occulto da seiva nova... Escuto o hymno triumphal dos passaros, fundindo as suas vibrações nas vibrações subtis do ether immaculado, e n'esse côro, luminoso como a luz, crystallino como a agua jorrante, não é a voz indecisa, a voz que se ensaia, a voz pipilante dos pequeninas aves apenas sahidas dos ninhos, que menos me enternece... Escuto todos os sons, todos os canticos, todas as preces, todos os gritos de victoria e todos os suspiros d'Amor, elevando-se da Natureza fecundada, que se renova, que cria e que gera, n'esse eterno trabalho de renovação que a Terra emprehende ha milhares de annos, no espaço, girando em volta da chamma creadora do Sol...

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1900 — A TORRE EIFFEL

*
* *

S. João! S. João!

Venham bandeiras novas palpitando na brisa fresca; retese-se o azul como um tafetá diaphano; discorra a luz em cascatas; e vós, oh! verdes, cantae... Dizei o tenro dos vossos renovos: a macieza da vossa folhagem: a surda força elaboradora dos vossos succos: a onda dulcificante dos pello, nas vesperas d'esse grande dia, que tem no ceu jubilos de creanças, e no espaço palpitações candidas de arminhos e balidos de anhos, — ahi vão ellas, as raparigas, em bandos alegres e palradores, atravessando os *mysterios* alvacentos... Saias vistosas, que levam, casaquinhos de chitas claras, lenços de côr na cabeça, de pontas soltas, e por cima grandes chapeus de palha, desabados, com altas fitas de velludo preto na copa esguia... Dae agora aos rostos o calor e a tinta do sangue cima, dos mattos, carregadas de grandes feixes aromaticos de loureiro e alecrim, os chapeus presos ao lado, nos feixes, os braços levantados segurando a carga, a figura esbelta e elançada. Agora ninguem lhes vê o rosto, e apenas se lhes escuta, na manhã azul e sonora, na manhã pastoril, as vozes joviaes, sahindo da sombra fresca dos mólhos verdes que trazem á cabeça.

Andando depressa, com o trajo vivo, e assim

5.° Centenario do nascimento de Guttemberg

JOÃO GENSFLEISCH DE GUTTEMBERG

vossos perfumes; os mysterios, os galanteios, os protestos d'amor, as caricias, os afagos e os beijos dos vossos estames d'oiro e dos vossos pistillos recatadamente guardados nos salões odoriferos das vossas corollas, mais finas que a seda e o setim, mais vivamente coloridas que as pedras preciosas...

S. João! S. João!...

*
* *

E na distante, mas tão pittoresca aldeia do Canovo; descerrae em risos perlados os labios vermelhos, humidos e succulentos como polpas fundentes; espreitae sob a aba dos sombreiros os rasgados olhos, pretos, brilhando como amoras entre as silvas, castanhos, verdes, sorrindo socegados, como gottas d'agua entre as pestanas bastas; ouvi a tagarelada d'ellas, clara e festiva, e saudae, na passagem, os bandos alegres:

— Bons dias, meninas...

— Bons dias, senhor...

Mas onde vão?

Esperemos, e não tardará vel-as voltar, lá de carregadas d'aquella verdura cheirosa, recentemente cortada, ainda palpitante, ainda impregnada de luz, dir-se-ia pedaços vivos dos mattos, que se houvessem animado, e viessem por ali abaixo, n'um frisante contraste com a aridez cinzenta dos mysterios, visitar a aldeia, assistir ás festas de S. João...

S. João! S. João!...

*
* *

Festas simples, festas populares, que são todo-

via as mais gratas, as mais festivas festas que ha.

Pela noite adeante — aquella poetica, aquella idylica noite, cujo ceu parece novo em folha, de uma lucidez, de uma crystallina transparencia, de uma suavidade, de um estrellado, que nenhuma outra tem ou parece ter — por essa noite fóra, por toda a parte, em frente de todas as portas, ardem as fogueiras, algumas de chammas limpidas e puras, outras, o maior numero, fogueirinhas feitas com a *herva do mysterio*, a urzella miudinha e em parte petrificada, o lichen alvacento, que muito tempo antes, durante dias inteiros, outras ranchadas de creanças e raparigas haviam raspado nos campos de lava.

D'estas fogueirinhas eleva-se uma densa columna de fumo branco, de cheiro caracteristico; e em volta de cada uma, a familia da casa senta-se, toca-se viola, canta-se, ri-se.

Ranchos passam de um para outro lado, ranchos de rapazinhos, tocando gaitas de cana, complicadas de canudos, como instrumentos de phylarmonica.

Elles, de vez em quando, chegam-se ás fogueiras de «herva», abrem-n'as, patenteiam o seu coração de fogo limpido como ouro fundente, e tiram de lá uma como brasa, um *berro*, segundo lhe chamam. Depois collocam-n'a sobre uma pedra roliça, propositadamente posta perto, e com um maço de páo ou uma outra pedra, dão-lhe uma pancada secca, logo um estampido echoa, e outros repetem-se assim em toda a linha das fogueiras. São as bombas d'aquella festa.

Entretanto, dentro, no interior das habitações, todas enfeitadas, frescas e rescendentes de ramos de loureiro e alecrim, pregados pelas paredes, encostados aos cantos, pendentes dos tectos, ahi, em torno da mesa tosca com vasos de madresilva e rosas silvestres, cachos vivos de raparigas solteiras apinham-se, deitando *sortes*, seguindo com os olhos ávidos, e o coração em sobresaltos de esperança, as construcções caprichosas, fantasticas e rendilhadas, que gottas de clara de ovo fazem dentro em copos cheios de agua. As menos impacientes, as que seguem á risca a tradicção, expõem fóra, ao relento da noite, esses copos milagrosos e aguardam o dia seguinte para saberem a sua sorte.

De uma vez a Clarinha Rosa disse para a Luiza do Cruzeiro:

— Olha, olha, uma egreja... Hei de me casar cêdo... Que bom, que bom!...

Mas voltou o S. João seguinte, e já não viu a Clarinha, nem no matto apanhando louro, nem no mysterio á «herva», nem junto de casa, ao pé da fogueira, cantando e rindo, nem bailando, nem deitando sortes... E todavia casára como ella bem dissera. Porem, n'aquella festa de alegrias fecundantes, não quizera Deus excluir a Clarinha, e dias antes tinha-lhe dado o primeiro filho, um novellinho de carne rosada, que chorava e gritava, sempre que a mãe o não enchia de leite.

E bem contente a Clarinha e o marido, bem contentes ambos, porque lhes dera Deus um rapaz.

— Vê lá tu, Clara — dizia o marido — se fosse a nossa vacca, antes eu queria uma bezerrinha, mas cá para a gente, um rapaz foi o melhor que podia ser... Bem sabe Deus o que faz...

*

* *

S. João! S. João!...

Á maneira que a noite se adeanta e a lua — não sei comprehender uma noite de S. João sem luar — e a lua desce na curva do céo occidental, outros grupos passam, batendo a estrada com a pancada surda dos pés descalços, tocando viola, cantando...

— Bôa noite, bôa noite...

— Venham d'ahi comnosco.

— Vá Deus com vocês...

São os romeiros da Caldeira, são as ranchadas festivas que seguem na tradiccional romagem.

E á mesma hora, de outras aldeias, de todas as mais aldeias, partem egualmente ranchos para a Caldeira — que em breve se acham trepando as montanhas, por caminhos de matto ás vezes escondidos entre sebes de *hortensias* frias já esmaltadas aqui e ali das suas grandes flores azues, — molhados do orvalho da noite estrellada e limpida, — rescendendo aromas vivos, de tomilho, rosmaninho, herva de Santa Maria, e essencias florestaes, — uma symphonia de perfumes ali executada a grande orchestra.

Ao longe, recortando-se na noite de crystal, arredondam-se, arregoam-se os bordos da Caldeira, da immensa Cratera, que, lá em cima, no silencio e na solidão que a cercam ainda, revestida interiormente, de alto a baixo, por altos pannos de verdura, negra, austera, respirando uma força extranha e selvatica, parece um Templo da Natureza, imponente e magestoso, uma cathedral verde, onde os Espiritos da Terra celebram os seus ritos mysteriosos...

*

* *

S. João! S. João!...

Festa de sorrisos e de esperanças, de poeticas lendas populares. Festa de graça amorosa... Festa de fecundidade, de pureza...

O proprio mar se santifica, se depura, para a estação dos banhos e das pescarias abundantes. Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir, póde, á meia noite, d'esta lendaria noite, observar em todas as praias, em todas as costas, por toda a parte onde o mar se espraia, a legião enxotada dos *diabretes* que fogem, que saem da agua escorrendo phosphorescencias, vermelhos, azues, verdes, irrequietos e vivos como ratinhos, fugindo, fugindo, sumindo-se no Desconhecido, no Ignoto, com pequenos gritos e casquinadas de cousas infernaes...

*

* *

E sempre uma festa azul, ainda que as nuvens afoguem o céo e a agua se despenhe.

Fayal — VII — 1900. *Florencio Terra.*

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

III

A casa era um pequenino edificio de tijolo vermelho, com cinco cupulas, tal qual uma mesquita de aldeia. De longe tinha uma certa elegancia. Limpo por fóra, sujo por dentro, é a divisa do Oriente. Pelos arredores uma centena de cortiços, alinhados como barracas de campanha.

O rei d'aquelle imperio, o bom velho, era um rapaz de vinte e cinco annos, gordo e anafado. Todo o frade grego tem esse titulo de bom velho, e pouco importa a edade. Estava vestido como um homem do campo, mas o barrete, em vez de vermelho, era preto.

Vendo nos chegar, ergueu os braços ao céo, dando mostras d'um espanto profundo.

— «Que homem tão ratão! disse M.me Simons. Não sei de que se espanta, parece que nunca viu inglezas.

Demetrio, que ia adeante, beijou a mão do frade e disse-lhe com uma curiosidade misturada de respeito e familiaridade:

— Tua benção. Degola dois frangos, que te pagam bem.

— Mas, desgraçados, que veem cá fazer?

— Almoçar.

— Pois não viste o khan lá de baixo abandonado?

— Nem viv'alma!

— E a aldeia deserta?

— Se lá tivessemos encontrado fosse quem fosse, não vinhamos até cá acima.

— Está então do lado d'elles?

— D'elles, quem?

— Dos ladrões.

— Pois ha agora ladrões por cá?

— Desde ante hontem.

— E por onde andam?

— Por toda a parte.

Demetrio virou-se para nós e disse-nos:

— É não perdermos um só minuto. Os salteadores estão na serra. Coragem, minhas sr.as, e pernas!

— O quê! gritou M.me Simons. Sem almoçar?

— O almoço podia sahir-lhe caro. Venha depressa, pelo amor de Deus.

— É uma conspiração! Agora os salteadores! Como se houvesse salteadores! É coisa em que não creio. Demais, sou ingleza e se alguem me tocasse n'um só cabello da cabeça...

Mary-Ann não se mostrava tão socegada. Apoiou-se no meu braço e perguntou-me se estariamos em perigo de morte.

— De morte, não; de sermos roubados, com certeza.

— Pois não me importa, disse M.me Simons. Roubem-me tudo, mas dêem-me de almoçar.

Soube depois que a pobre senhora soffria d'essa molestia bastante rara que o vulgo chama fome canina. Em lhe dando a fome, vendia tudo por um prato de lentilhas.

Demetrio e Mary-Ann agarraram n'ella e arrastaram-a até ao atalho por onde vieramos. O fradinho seguia-a gesticulando e eu sentia uma vontade enorme de lhe dar um empurrão por detraz.

Um assobiosinho imperativo fez-nos estacar.

— St! St!

Levantei os olhos. O caminho estreito corria entre medronheiros e lentiscos. De cada moita, sahiam trez ou quatro canos de espingarda.

Uma voz gritou-nos em grego:

— Sentem-se!

Foi-me isso facilimo, porque se me vergavam as pernas. Mas consolei-me pensando que Ajax, Agamemnon e o colerico Achilles, dadas as minhas circumstancias não teriam desdenhado o assento offerecido.

Os canos das espingardas abaixaram-se para nós. Pareceu-me que começavam a crescer, a crescer, e que a extremidades nos tocavam nas cabeças. Não cuidem que era medo; foi a primeira vez que dei pelo extraordinario comprimento das espingardas gregas. Todo o arsenal foi, pouco a pouco, desembocando e atraz de cada cano appareceu-me a coronha e o dono.

Ha pouca differença entre o diabo e um salteador; o diabo é menos feio e um salteador mais sujo. Os oito sacripantas, que logo nos rodearam, eram tão immundos, que tive vontade de lhes dar o meu dinheiro com uma tenaz. Os barretes ainda, com certo esforço, se via que tinham sido encarnados, mas nem a melhor barrela seria capaz de revelar a primitiva côr dos fatos. Mãos, caras, bigodes tudo era vermelho-sujo, como o chão. Cada animal toma côr conforme seus habitos e o terreno onde vive: as raposas da Groenlandia são da côr da neve, os leões da côr do deserto, as perdizes da côr dos sulcos de charrua, os bandoleiros gregos da côr das estradas.

O commandante da quadrilhasinha que nos deitara as unhas não se distinguia por nenhum signal externo. Dobrou a grande estatura e observou-nos de tão perto que lhe senti os bigodes. Parecia um tigre a cheirar a preza.

Quando satisfez a curiosidade, disse para Demetrio:

— Toca a vasar as algibeiras.

Não foi preciso repetir-lh'o. Atirou para ali com com uma navalha, uma bolsa de tabaco e tres piastras mexicanas, que valeriam uns dezaseis francos.

— Mais nada? perguntou o salteador.

— Mais nada, irmão.

— És o criado?

— Sim, irmão.

— Fica com uma piastra; não has de voltar para a cidade sem dinheiro.

Demetrio poz-se a regatear.

— Deixa-me ao menos duas. São dois cavallos de aluguer que tenho de pagar.

— Explica ao Zimmermann que te roubámos.

— Mas se elle insiste?

— Que se dê por feliz de lhe voltarem os cavallos.

— Elle bem sabe que nunca roubam cavallos. De que lhes serviam elles cá?

— Ponto! Dize-me quem é esse magricella que ahi está.

Eu mesmo respondi:

— Sou um honrado allemão, cujos despojos não hão de enriquecer ninguem.

— Falas grego menos mal. Vamos a ver as algibeiras.

Puz no meio do caminho uns vinte francos, o tabaco, o cachimbo e o lenço.

— O que é isto? perguntou o grande inquisidor.

— Um lenço.

— Para quê?

— Para me assoar!

— Então para que te finges pobre? Só os lords é que se assôam a lenços. Tira lá a muchila. Abre-a.

Na caixa tinha umas plantas, um livro, um pacote com arsenico, uma borracha quasi vasia e os restos do meu almoço que accenderam lumes de cubiça nos olhos de M.me Simons.

Tive a coragem de lh'os offerecer, antes que a bagagem mudasse de dono. Acceitou-os gulosamente e devorou o pão e a carne. Este acto escandalisou os ladrões que murmuravam a palavra *chismatica!* O frade benzeu-se umas poucas de vezes, segundo o rito da egreja grega.

— Deves ter um relogio, disse-me o salteador. Venha!

Entreguei o relogio, um velho traste de familia, que pesava quatro onças. Os patifes passaram-o de mão em mão, achando-o muito bonito.

Tive esperanças de que a admiração, que faz os homens melhores, os dispuzesse a restituirem-me qualquer coisa e pedi ao commandante que tornasse a dar-me a minha lata. Mandou-me calar.

— Dê-me ao menos dois escudos, para voltar para a cidade.

— Não te hão de ser precisos, respondeu-me com riso ironico.

Chegou a vez de M.me Simons. Antes de metter a mão na algibeira interpellou os vencedores na lingua de seus paes. O inglez é das varias linguas, que se podem falar com a bocca cheia.

— Vejam o que vão fazer! disse, com voz ameaçadora. Sou ingleza e todo o cidadão inglez é inviolavel em todos os paizes do mundo! A Inglaterra ha de vingar-me enforcando-os a todos!

— O que é que ella diz? perguntou o orador dos ladrões.

Demetrio respondeu:

— Diz que é ingleza.

— Melhor. Todos os inglezes são ricos.

A pobre senhora esvasiou na areia a bolsa, que continha doze soberanos.

Mary-Ann entregou o relogio e um molho enorme de quebra-enguiços. Com um movimento cheio de graça atirou tambem com um saquinho de coiro que trazia a tiracolo. O ladrão abriu-o logo com uma pressa de guarda de alfandega. Sacou d'elle uma caixinha de toucador ingleza, um frasco de saes inglezes, uma caixa de pastilhas inglezas e algum dinheiro inglez.

— Agora, disse a linda impaciente, creio que nos podem deixar ir embora: já nada temos que lhes pertença.

Por um gesto imperioso indicaram-lhe que ainda não estava levantada a sessão.

O commandante acocorou-se defronte dos nossos despojos, chamou o bom velho, contou o dinheiro na presença d'elle e entregou-lhe quarenta e cinco francos.

M.me Simons tocou-me no cotovelo.

— Veja lá se isto não foi entrega do Demetrio mais do frade. Repartem o dinheiro com elles.

— Não, minha senhora, repliquei. O Demetrio recebeu uma esmola sobre o que lhe roubaram. Por toda a parte é assim. Nas margens do Rheno, quando um viajante perdeu tudo á roleta o dono da casa paga-lhe a volta.

— Mas o frade?

— Recebe a dizima. É costume immemorial. Não lhe queira mal, visto que nos quiz salvar, apesar do convento ter todo o interesse na nossa prisão.

Demetrio veio despedir-se.

— Espera, disse-lhe eu, vamos todos juntos.

Meneou tristemente a cabeça e disse-me em inglez, para que as senhoras o percebessem:

— Isto é prisão para mais dias. Não tornam a ver Athenas sem ter pago o resgate. Vou levar aviso ao milord. Estas senhoras teem algum recado para elle?

— Diga-lhe, gritou M.me Simons, que corra á embaixada, que vá depois ao Pireo procurar o almirante, que se queixe ao Foreign-Office e que escreva a lord Palmerston. Pela força das armas ou pela auctoridade politica é que nos hão de arrancar d'aqui. Dinheiro, nem um penny pela minha liberdade!

— Cá por mim, disse-lhe eu com muito menos colera, peço-te que contes aos meus amigos em que mãos me deixaste. Se forem precisas umas centenas de drachmas para salvar um pobre diabo naturalista não lhes será talvez muito difficil arranjal-as. É natural que estes senhores de estrada não me cotem muito alto. Emquanto não te vaes, bom era que me dissessem quanto calculam pouco mais ou menos que eu possa valer.

— Tempo perdido, meu caro sr. Hermann; não são elles que hão de fixar o preço do seu resgate.

— Então quem?

— O capitão, Hadgi-Stavros.

IV

HADGI-STAVROS

O Demetrio voltou para Athenas, o frade para as suas abelhas e os nossos novos senhores empurraram-nos para um atalho que levava ao campo do Rei.

M.me Simons quiz mostrar a sua independencia recusando-se a pôr um pé defronte do outro. Os ladrões ameaçaram-n'a de a levar em charola. Mas foi a filha quem a convenceu lembrando-lhe que talvez almoçassem com Hadgi-Stavros.

Mary Ann não mostrava susto, apenas um certo espanto.

Os ladrões subalternos tinham provado serem cortezes até certo ponto; não nos tinham apalpado e haviam-nos pedido para que nós mesmos despejassemos as algibeiras; parecia não terem dado pelos brincos das senhoras e nem sequer lhes tinham dito para tirar as luvas. Estavamos portanto muito longe d'esses ladrões de estrada hespanhoes e italianos que cortavam os dedos dos prisioneiros com pressa de ter os anneis.

Todo o nosso mal era apenas a ameaça do pagamento do resgate; sendo até provavel que de graça apanhassemos a nossa liberdade. Pois como acreditar que Hadgi-Stavros nos retivesse impunemente a cinco leguas da capital, da côrte, do exercito grego, d'um batalhão de S. Magestade britannica e d'uma não ingleza? Assim raciocinava Mary-Ann. Mas eu lembrava-me sem querer das pequeninas de Mitra e não ia contente. Temia que M.me Simons com suas teimosias patrioticas expuzesse a filha a grandes perigos e ia fazendo tenções de lhe falar claro sobre a nossa situação.

Iamos a um de fundo por um atalho estreito, separados um dos outros pelos nossos pouco apetitosos companheiros de viagem.

Os ladrões não davam mostras da mais pequena alegria e aquella marcha triumphal lembrava um passeio funebre. Silenciosamente iam todos fumando cigarros da grossura d'um dedo. Não falavam. Um d'elles é que muito fanhosamente ia cantando cantochão. Aquelle povo é lugubre como uma ruina.

Pelas onze horas, um ladrar de cães furiosos avisou-nos de que o campo era proximo. Dez ou doze cães enormes, do tamanho de vitellas, encarapinhados como carneiros, atiraram-se contra nós, mostrando-nos os dentes todos. Os nossos protectores responderam-lhes á pedrada. Ao fim d'um quarto d'hora, fizeram-se as pazes.

O campo do Rei era n'uma planura de sete ou oitocentos metros de superficie. Debalde procurei as tendas dos nossos vencedores. Os salteadores não são sybaritas e a 30 de abril já dormiam a céo descoberto. Não vi nem despojos accumulados nem preciosidades ostentadas, nada do que se espera no covil d'uma quadrilha.

Hadgi-Stavros encarrega-se de mandar vender a presa; cada homem recebe o pret em dinheiro e faz d'elle o que lhe parece. Uns põe-o a render no commercio, outros emprestam sobre penhores, outros compram propriedades, mas nenhum o desperdiça.

A nossa chegada interrompeu o almoço d'uns vinte e cinco ou trinta homens que correram ao nosso encontro.

O capitão dá todos os dias aos soldados uma ração de pão, azeite, vinho, queijo, caviar, pimentos, azeitonas e carne, se é dia em que a religião a permitte. Os gulosos que gostam de ervagens podem apanhar pelos montes os acepipes de que mais gostarem. Os ladrões, como as outras classes do povo, fazem pouco uso do lume; comem carne fria e o mais tudo cru.

Notei que todos observavam religiosamente a lei de abstinencia. Estavamos na vespera da Ascenção.

Os homens que nos haviam escoltado foram curiosamente interrogados. O meu relogio de prata obteve um exito grande. Aos olhos d'aquelles homens simples o possuidor de tão importante joia devia de ser lord pelo menos.

A curiosidade dos salteadores era impertinente, mas não era insolente. Bem sabiam que estavamos nas unhas d'elles, que um dia nos trocariam por umas peças d'oiro, mas não queriam prevalecer-se d'essa circumstancia para nos maltratar ou faltar ao respeito.

Viam alguns pela primeira vez fatos europeus e andavam em volta de nós como os habitantes do novo mundo mirando os hespanhoes de Colombo. Talvez alguns d'elles não se lhes desse de me quebrar em tres ou quatro bocados para ver o que um lord tem cá dentro; mas estou certo de que o não fariam sem licença ou sem me pedirem perdão da liberdade grande.

M.me Simons perdeu logo a paciencia. Aborreceu-se de se ver tão contemplada por aquelles homens, que todos comiam queijo e não lhe offereciam de almoçar.

Mary Ann parecia extenuada. O muito que andára, a fome, a commoção, o espanto iam dando cabo d'aquella creaturinha delicada. Uma misszinha criada em algodão em rama e que se via ali com as botas todas esboracadas pelas asperezas do caminho, com as saias rotas pelas silvas! Ainda na vespera tomára chá nos salões da legação, folheando os albuns admiraveis de M. Wyse e via-se, sem transição, transportada para aquelles sitios horrorosos, em meio d'um bando de ladrões, sem ter a consolação de dizer: — É sonho! — porque não estava nem deitada nem sequer sentada, com grande magua de seus pésinhos pequeninos.

N'isto apparece uma nova tropa ainda peor. As pulgas dos ladrões, de que lhes posso mostrar alguns exemplares na minha collecção etonologica, são mais rusticas, mais fortes e mais ageis que as dos habitantes das cidades. Parece que acham melhor bocado a pelle fina d'um allemão que o coiro de seus velhos amos. Uma emigração armada dingiu-se-me para as pernas. No tornozelo foi a declaração de guerra. Dois minutos depois, a vanguarda atirou-se-me á barriga da perna direita. Levei lá a mão de repente; mas com o favor d'esta diversão o inimigo avançou a marchas forçadas para a minha ala esquerda e tomou posições pela altura do joelho. Tornava-se inutil qualquer resistencia. Se eu estivesse só, tentaria uma guerra de pequenas escaramuças; mas a linda Mary-Ann estava ali deante de mim, vermelha como uma ginja, de voltas tambem provavelmente com algum inimigo secreto.

Perdida a paciencia e decidido a escapar pela fuga ás ondas dos invasores pedi para comparecer perante o Rei.

Os nossos guias perguntaram por elle. Responderam-lhes que estava no escriptorio.

— Ora até que finalmente! disse M.me Simons. Vou sentar-me n'uma poltrona!

O escriptorio era perto. Não tardou cinco minutos, estavamos lá.

O escriptorio do Rei parecia-se com qualquer escriptorio como o acampamento se parecia com um acampamento. Nem mezas, nem cadeiras. Hadgi-Stavros estava sentado como um alfaiate, em cima d'um tapete quadrado, á sombra d'um pinheiro. Em volta d'elle, quatro secretarios e dois serventes. Um pequeno de dezeseis ou desoito annos tinha a seu cargo encher, accender e limpar o cachimbo do patrão. Trazia á cintura um sacco para tabaco bordado d'oiro e perolas finas e uma tenaz de prata para pegar nas brazas. Um outro criado passava os dias a preparar chicaras de café, copos d'agua e coisas doces para refrescar a bocca real. Os secretarios escreviam em cima dos joelhos com canas aparadas. O papel, está claro, não era indigena. Cada folha tinha escripto a palavra BATH com letras grandes.

O rei era um lindo velho, admiravelmente conservado, direito, magro, parecendo feito d'aço, brilhante como uma folha de espada nova. Os longos bigodes brancos caíam-lhe aos lados da bocca como estalactites de marmore. O resto da cara estava perfeitamente barbeado. O craneo nu até ao occipital, onde uma grande trança de cabellos brancos se enrolava sob o barrete. A expressão do rosto pareceu-me tranquilla e de homem circumspecto. Os olhinhos azues e o queixo quadrado diziam uma vontade inquebrantavel. O rosto era comprido, ainda alongado pela disposição das rugas.

Nunca vi assim velhice tão robusta como a de Hadgi-Stavros.

Vestia á maneira de todos os ilhéos do archipelago. O barrete vermelho formava uma larga prega na base á volta da testa. A jaqueta era preta agaloada de seda. As calças azues, enormes, tinham levado mais de vinte metros de panno. As botas altas eram de coiro da Russia. A unica riqueza do vestuario consistia n'um cinturão bordado a oiro e pedras, que valeria uns dois ou tres mil francos. D'elle pendiam uma bolsa bordada, uma espada de Damasco com bainha de prata e uma pistola muito comprida marchetada de oiro e rubins, com a competente vareta.

(Continúa.)

SCIENCIA MODERNA

VII

DO SAL COMO ALIMENTO

O sal, corpo actualmente empregado em quasi todo o mundo, como condimento de cozinhas, não é, como se poderá suppôr, um producto completamente inoffensivo.

Até hoje, considerava-se o sal como não prejudicial á saude, mas a experiencia veiu demonstrar que se estava laborando n'um erro, e que pelo contrario, longe de ter um poder toxico nullo, constitue um dos corpos mais nocivos á saude.

Mas porque motivo os peixes vivem perfeitamente na agua salgada, alimentando-se quasi que exclusivamente d'ella sem que isto lhes occasione estragos?

É naturalmente esta a pergunta que occorre ao espirito dos nossos leitores quando lhes pretendemos affirmar que o sal tem um grande poder toxico.

Mas a agua salgada não é unicamente composta de chloreto de sodio. Embora predomine n'ella este producto contém ainda a agua salgada outros saes que com elle se acham ligados, mas que embora existam n'uma proporção muito menor, re-

presentam papel importante, sem o que, o sal seria completamente banido do uso que d'elle se faz nas cozinhas. Estes corpos que com elle se acham intimamente ligados dão como resultado, as difficuldades que existem em se poder obter o chloreto de sodio chimicamente puro. Mas não nos devemos lamentar por esse motivo. Um proverbio muito conhecido pode bem ter applicação, n'este caso. É costume dizer-se «Ha males que veem para bem». Outro tanto, aqui succede.

É realmente um bem, o não podermos obter o sal completamente puro, porque, então o seu poder toxico seria consideravel.

Por conseguinte, attribuiremos aos corpos que com elle se acham intimamente ligados, a diminuição do poder toxico do sal.

Facilmente chegamos á conclusão de que o sal completamente puro, constitue um veneno, e que o seu poder toxico é tanto menor quanto mais impuro elle fôr.

VIII

DISSOCIAÇÃO CORPUSCULAR

Os raios cathodicos teem dado origem a varias outras descobertas recentemente feitas. Uma das mais curiosas é a que o senhor Thomson menciona, embora o facto ainda careça de demonstração.

Procedendo este illustre professor a varias experiencias com aquelles raios, reconheceu a presença de pequenissimos corpos que, segundo a sua opinião tinham a propriedade de arrastarem comsigo a electricidade negativa. A estes corpos denominou corpusculos.

Mais recentemente Gresel, Becquerel e Curie vieram confirmar a sua existencia.

Partindo d'este facto, o illustre professor teve occasião de presencear um phenomeno muito interessante, que passou a denominar *Dissociação corpuscular*. De cada molecula do corpo, desprendia-se um corpusculo infinitamente pequeno na mesma occasião em que um outro vinha occupar o logar vago. Foi então que o senhor Thomson se lembrou, por meio do calculo, chegar a conhecer a quantidade d'esses corpusculos, sua velocidade e principaes propriedades, fundado em calculos anteriormente feitos por Joule sobre a determinação da relação entre a velocidade das moleculas, a pressão e a densidade do gaz, partindo da theoria cinetica dos corpos gasosos.

Dos calculos do senhor Thomson se deduz que submettendo esses corpusculos á gravitação, uma barra metallica collocada verticalmente contem maior numero de corpusculos na sua parte inferior, o que indica, em virtude da sua theoria, a accumulação, n'esse ponto, da electricidade negativa, e por conseguinte, a existencia da electricidade positiva na parte superior da mesma barra. Do mesmo modo, n'uma massa metallica girando em torno de um eixo, a força centrifuga tende a accumular os corpusculos na superficie externa da massa, os quaes diminuem nas proximidades do eixo. As partes externas do metal electrisar-se-hiam negativamente em contraposição com as partes internas que adquiririam a electricidade positiva, o que, em virtude d'este desequilibrio produzido, daria origem a um verdadeiro campo magnetico. Uma grande massa metallica animada de movimento de rotação substituiria um iman. Um metal contendo corpusculos actuaria de egual modo como uma substancia diamagnetica. Todos estes factos necessitam, claro é, de uma contraprova. Por ora, o senhor Thomson cinge-se á theoria dos factos e á realisação dos calculos que a conduzem a acceitar essa theoria, mas no emtanto, não deixaremos de louvar este senhor pelo bom desejo que mostrou em querer desvendar mais um, d'entre o incalculavel numero de mysterios que a sciencia até hoje ainda nos não deu ensejo de conhecer.

30—6—900. *Antonio A. O. Machado.*

NECROLOGIA

VALENTIM JOSÉ CORRÊA

Era o decano dos architectos portuguezes ao serviço das obras publicas, onde durante mais de cincoenta annos trabalhou com zelo e intelligencia inexcediveis, collaborando e dirigindo obras importantes do estado.

Filho do fallecido architecto Feliciano de Sousa Corrêa, que dirigiu a construcção do theatro de D. Maria II, das propriedades da casa de Bragança,

VALENTIM JOSÉ CORREIA

FALLECIDO EM 14 DO CORRENTE

no antigo Thesouro Velho e muitas outras importantes, Valentim José Corrêa, pode dizer-se que estreou a sua carreira artistica, elaborando um projecto para a conclusão do edificio dos Jeronymos, talvez o mais logico e sensato que até hoje se tem delineado, mas que teve a sorte de ficar no esquecimento, sem embargo de outros projectos, alguns principiados a executar e que tem custado ao thesouro algumas centenas de contos de réis, sem se chegar a conclusão feliz.

Antes de Valentim Corrêa já o architecto francez Colson tinha feito um projecto de conclusão d'aquella grande obra, o qual foi posto de parte por improprio, depois do governo lhe ter pago alguns contos de réis.

Valentim Corrêa apenas recebia um pinto (480 réis) por dia para elaborar o seu projecto.

Não cabe nos estreitos limites d'este artigo esmiuçar a historia do projecto do intelligente artista, a qual revela coisas edificantes, como tantas vezes ouvimos contar ao seu auctor, que nem por isso desanimou, proseguindo na sua carreira honrada em que deu exhuberantes provas de intelligencia e de zelo, nas commissões que lhe foram confiadas.

Entre tantas obras importantes que planeou e que dirigiu, citaremos a restauração do templo dos Paulistas, onde hoje está a freguezia de Santa Catharina.

O templo dos Paulistas entra em o numero dos monumentos nacionaes, e Valentim Corrêa pôz todos os cuidados e sciencia para restaurar o interior da egreja, como ainda se póde ver.

Valentim José Corrêa, nasceu em Lisboa a 14 de fevereiro de 1822. Cursou a Academia de Bellas Artes, onde, alem da architectura estudou tambem pintura, e em sua casa podiam ver-se alguns retratos de familia e cabeças de estudo devidos ao seu pincel, muito para apreciar. Com pouco mais de 20 annos entrou para o quadro das obras publicas, onde chegou a architecto de primeira classe, e apesar de já avançado em annos não se reformou e bem póde dizer-se que morreu trabalhando, pois ainda na noite antecedente áquella em que cahiu com uma congestão, esteve seroando até dez horas n'um projecto de edificação.

Era um dos fundadores da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes a que prestou relevantes serviços que lhe valeram o titulo de socio benemerito conferido em sessão magna de 13 de dezembro de 1899.

Foi uma homenagem espontanea e justa prestada por aquella digna corporação aos altos merecimentos artisticos e ao honrado caracter de Valentim José Corrêa.

Este glorioso titulo veio juntar-se ao honroso cargo de vice-presidente d'esta associação, que Valentim Corrêa desempenhava ha bastante tempo.

Com a sua intelligencia e zelo muito concorreu para enriquecer o museu de archeologia que aquella associação tem exposto ao publico nas ruinas do convento do Carmo.

O funeral de Valentim José Corrêa foi muito concorrido de amigos, e todos o eram, porque Valentim Corrêa não deixava descendentes a quem essa homenagem lisongeasse. Os que ali foram levava-os o sentimento da amisade desinteressada, a veneração e respeito por aquelle honrado homem que descia ao tumulo sem uma venera official a lantejolar na banda da sua casaca. Não era preciso, porque mais do que as veneras brilhavam as suas obras, a sua memoria immaculada.

A'quella homenagem de sentimento quiz tambem associar-se o illustre ministro das obras publicas sr. conselheiro Pereira dos Santos, acompanhando o prestito do venerando architecto até á sua ultima morada.

A Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes consagrou a sessão de 17 do corrente á memoria do seu socio benemerito e vice-presidente.

Recebemos e agradecemos:

O Instituto — *Revista scientifica e litteraria — Vol. 47 — N.º 1 — Coimbra 1900.*

Entrou no seu quadragesimo setimo volume este apreciavel boletim da conceituada aggremiação conimbricense.

Traz interessantes artigos, a alguns dos quaes nos temos já referido, sendo o summario do presente numero o seguinte:

Allocução proferida á beira da sepultura do dr. Julio Cesar de Sande Saccadura Botto, por Bernardino Machado. — *As doutrinas economicas de Karl Marx* por A. A. Pires de Lima. — *Notas de um paе*, por Bernardino Machado. — *O novo seculo*, por Affonso Hincker. — *Prophylaxia das tinhas na escola*, por Zeferino Falcão. — *Memorias de Castilho*, por Julio de Castilho. — *Antonio Homem*, por Antonio José Teixeira. — *Estudos sobre Damião de Goes*, por Sousa Viterbo. — *Subsidios para um diccionario completo da lingua portugueza*, etc.

Governo geral do Estado da India — *Relatorio sobre os serviços da Repartição de Agrimensura (1898-1899) — Nova Gôa, Imprensa Nacional, 1900.*

É auctor d'este relatorio o director da respectiva repartição sr. José Mendes Ribeiro Norton de Mattos, tenente do corpo de estado maior, que n'elle mostra os louvaveis esforços que tem feito em favor dos trabalhos a seu cargo.

A repartição de agrimensura no Estado da India é uma instituição moderna, pois data de 4 de agosto de 1898, em que foi creada pelo então governador geral sr. conselheiro Joaquim José Machado; pode comtudo affirmar-se que, pelos serviços que já tem prestado, deve considerar-se muito util e necessaria, lendo-se com interesse este relatorio.

Interesses portuguezes no Brazil. — *Lucio Soares. — Porto, 1900.*

Aproveitando os ocios d'uma viagem do Rio de Janeiro a Lisboa, a bordo do paquete *Rei de Portugal*, escreveu o auctor o presente opusculo, 62 paginas, que foi impresso na typographia do *Commercio do Porto*, na capital do norte do paiz.

Impressionado com os factos que presenciou no Brazil, onde ainda possuimos uma importante e numerosa colonia, os quaes segundo o modo de ver do auctor, contribuem para nosso descredito ali, e para ruina do nosso commercio com a florescente republica, resolveu o sr. Lucio Soares, obedecendo a um patriotico impulso, levar até aos degraus do throno as suas queixas e magoas, para que os nossos governos provessem de remedio, como elle julga que se faz mister. Louvavel intuito, que só merece louvores, e a que é para desejar correspondam os melhores resultados. A exposição é bem feita, e reforçada com apontamentos e notas bastante curiosas.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

EM 1899

Incluindo 70 navios de guerra portuguezes

Preço 200 réis

Franco de porte

A' venda nas livrarias e na *Empreza do «Occidente» — Largo do Poço Novo — Lisboa.*

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.